

APRESENTAÇÃO

International Journal of Philosophy and Social Values foi o nome escolhido para a revista do Centro de Estudos de Filosofia da Faculdade de Ciências da Universidade Católica Portuguesa. O nome e a língua em que aparece indicam um programa e a consciência de uma tarefa. *Social values* remete para uma problemática para a qual o mundo contemporâneo – com as suas crises financeiras, com as ameaças de guerra, com o fenómeno das migrações e dos refugiados, com a crescente desigualdade na repartição das riquezas, mesmo em países em que se verifica um crescimento do produto interno bruto – reclama respostas com urgência cada vez maior. O facto de se tratar de um *Journal of Philosophy* indica uma perspectiva a partir da qual tal problemática será abordada – a da filosofia, justamente –, embora sempre em diálogo com outros saberes. Quando a filosofia se isolou dos outros saberes e procurou num fechamento sobre si própria a resposta para os grandes problemas da humanidade, raramente encontrou soluções que estivessem à altura das expectativas que a humanidade sempre nela colocou.

Esta revista apresenta-se, também, como um *International Journal*, e não só o seu título está em inglês como, em todos os números, uma parte significativa dos seus artigos virá escrita nesta língua. Isto representa, por um lado, um desejo de internacionalização da reflexão filosófica que a revista for produzindo, por outro, o reconhecimento de que, nos dias de hoje, o inglês constitui a língua em que mais facilmente se entendem e dialogam, em torno dos mesmos problemas, investigadores de diferentes países e de diferentes orientações.

Em todos os números, a parte principal da revista será constituída por um *dossier* subordinado a um tema relacionado com o âmbito de investigação referido no título. Para este n.º 1, o tema foi «Public affairs

and individual autonomy». No final do século XX e neste início do século XXI, o debate entre o chamado «atomismo liberal» (representado por autores como John Rawls ou Ronald Dworkin) e o «comunitarismo» (que tem em Charles Taylor e Alisdair McIntyre dois dos seus principais representantes) pôs novamente estes temas no centro do debate filosófico. Sobretudo, exige-se, nos tempos que correm e em face dos desafios que são colocados à reflexão, uma reavaliação de conceitos políticos e éticos que, durante muito tempo se consideraram evidentes. Todavia, em cada número da revista será dado também lugar a artigos sobre outros temas, sempre, naturalmente, em função do espaço disponível tendo em conta a sua edição em papel.

O *International Journal of Philosophy and Social Values* nasce num espaço institucional específico e com uma identidade própria: a Universidade Católica Portuguesa. Isto significa, certamente, uma forma particular de abordagem dos problemas, independentemente da liberdade científica que cabe aos autores de cada artigo. Significa também uma abertura a perspectivas diferentes das da instituição que acolhe os colaboradores, sempre no respeito mútuo e no diálogo produtivo. Mas significa também, para quem aposta neste projecto, algo de ligeiramente diferente de tudo isto, mas bem mais significativo. A pertença a uma tradição de pensamento onde, desde há dois milénios, se têm gerado algumas das ideias mais importantes e mais fecundas sobre a problemática para que o título da revista aponta.

Lançar uma revista é um acto de esperança e de confiança. O *International Journal of Philosophy and Social Values* surge num tempo em que nem uma nem a outra parecem abundar. As palavras que, há sessenta anos, escrevia Albert Camus ganharam, desde então, uma verdade ainda maior da que tinham por ventura no seu tempo: «on se fait un point d'honneur de la déloyauté, [...] le réflexe a remplacé la réflexion, [...] l'on pense à coups de slogans, et [...] la méchanceté essaie trop souvent de se faire passer pour l'intelligence.» O *International Journal of Philosophy and Social Values* batalhará para que seja cada vez menos assim e para que a reflexão serena, capaz de preparar um mundo melhor, triunfe sobre a arrogância e a violência.

CARLOS MORUJÃO